

as brumas de avalon
o rei veado – livro III
marion zimmer bradley

Tradução de Gabriela Alves Neves



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

O REI
VEADO

A decorative floral ornament consisting of two symmetrical, stylized branches with leaves and small flowers, framing the text.



Em Lothian, nessa altura do ano, parecia que o Sol quase não descansava; a rainha Morgause acordou quando a luz começou a infiltrar-se por entre os cortinados. Contudo, era ainda tão cedo que as gaivotas mal se moviam, embora já houvesse claridade suficiente para ela poder ver o corpo peludo e bem musculado do jovem que dormia a seu lado... privilégio esse de que gozara durante todo o inverno. O seu Companheiro fora um dos escudeiros de Lot e, ainda Lot era vivo, já lançava olhares de desejo para a rainha. E na escuridão mortal desse inverno que passara, teria sido pedir demasiado que ela dormisse sozinha nos frios aposentos do rei.

Não que Lot tivesse sido um rei tão bom como isso, pensava ela semicerrando os olhos à luz que aumentava. Mas o seu reinado fora longo. Reinara desde antes de Uther Pendragon ter tomado o trono, e o seu povo estava habituado a ele; havia pessoas já de meia-idade que nunca tinham conhecido outro rei. Já ocupava o trono, pensou ela, quando o jovem Lochlann nascera... e ela também, aliás. Mas este último pensamento era menos reconfortante e, assim sendo, pô-lo de lado.

Gawaine devia ter sucedido a seu pai, mas mal tinha visitado a sua terra natal desde a coroação de Arthur e o povo não o conhecia. Aqui, em Lothian, em tempo de paz, as tribos estavam bastante satisfeitas por serem governadas pela rainha, com o seu filho Agravaine por perto para o caso de necessitarem de um chefe para a guerra. Desde tempos imemoriais

que uma rainha governava o povo, como uma Deusa tinha governado os Deuses, e eles gostavam que assim fosse.

Mas Gawaine não deixara de estar do lado de Arthur... nem mesmo quando Lancelet viera do Norte antes de Beltane, para ver, dissera ele, se os faróis da costa estavam em ordem, de forma a evitar que os navios se lançassem contra as rochas. Mas Morgause supunha que ele viera antes para que Arthur pudesse ver com os seus olhos o que se estava a passar em Lothian, para ver se lá havia algo em desacordo com as regras do Rei Supremo.

Soubera então da morte de Igraine, porque antes disso a notícia não chegara a Lothian, vinda do Norte. Quando era mais nova, não tinha sido amiga de Igraine; sempre invejara a irmã mais velha por causa da sua beleza e nunca lhe perdoara que Viviane a tivesse escolhido a ela para Uther Pendragon; ela teria sido melhor Rainha Suprema do que aquela simplória, tão pouco enérgica, tão piedosa e amorável. E, quando tudo já estava dito e feito, quando a lâmpada se apagava, aquele homem não era assim tão diferente dos outros e todos eles eram ridiculamente fáceis de manejar, totalmente dependentes do que uma mulher lhes pode oferecer. Ela governara bem, por detrás do trono de Lot; teria feito ainda melhor com Uther, porque não se teria envolvido tão estupidamente com os sacerdotes.

No entanto, quando soube da morte de Igraine, chorou-a sinceramente e desejou ter arranjado tempo para ir a Tintagel antes de ela ter morrido. Tinha agora tão poucas mulheres a quem pudesse chamar amigas...

A maioria das suas açaфatas havia sido escolhida por Lot pela sua beleza ou pela sua disponibilidade para com o rei, e ele gostava tanto mais delas quanto menos fossem capazes de pensar ou falar com inteligência; dissera mesmo uma vez que, quanto a isso, ela lhe chegava perfeitamente nesse aspeto. Pedia o conselho dela para todos os assuntos e respeitava-lhe a capacidade mental, mas, depois de ela lhe ter dado quatro filhos, voltara ao que naturalmente preferia ter na sua cama: mulheres bonitas com pouca inteligência. Morgause nunca lhe levara a mal os seus prazeres e até se sentira bastante satisfeita por não ter de dar à luz mais crianças. E, se lhe apetecia brincar com bebés, tinha o seu filho adotivo Gwydion e os filhos que as mulheres de Lot davam à luz — Gwydion tinha suficientes amigui-nhos de sangue real!

Lochlann mexeu-se a seu lado, murmurou qualquer coisa e, meio a dormir, tomou-a nos braços. Ela desistiu de pensar, por um momento. Tivera saudades dele. Enquanto Lancelet estivera na sua corte, tinha mandado Lochlann dormir juntamente com os outros homens, embora, por

ele, ela bem pudesse continuar a manter Lochlann na sua cama, ou até a dormir com o cão da casa! Pois bem, aqui estava ele de novo; Lot nunca lhe levava a mal que se divertisse, assim como ela não lhe levava a mal as outras mulheres.

No entanto, depois de a excitação passar e de Lochlann ter descido as escadas para a privada, no exterior, Morgause pensou subitamente que sentia a falta de Lot. Não que ele tivesse sido particularmente bom naquele género de coisas... Já era velho quando casara com ela. Mas depois de fazerem aquilo, ele era capaz de conversar com ela inteligentemente e ela sentiu saudade dos anos em que acordavam os dois juntos e se deixavam ficar na cama a falar de tudo aquilo que precisava de ser feito, ou do que tinha acontecido quer no reino, quer na Bretanha em geral.

Quando Lochlann regressou, o Sol já estava mais forte e o ar cheio de vida, com os gritos das gaivotas. Já ouvia pequenos sons vindos do andar de baixo e de algures chegava-lhe o aroma do pão de cevada e centeio que cozia no forno. Puxou-o para si, para um beijo rápido, e disse-lhe:

— Tendes de vos ir embora, meu querido. Quero-vos fora daqui antes de Gwydion chegar. Já é um rapaz crescido, e começa a reparar nas coisas.

Lochlann soltou uma risadinha.

— Oh, *esse!* Tem vindo a reparar em tudo desde que saiu dos braços da ama. Enquanto Lancelet cá esteve, reparou em todos os movimentos que ele fazia, até mesmo em Beltane. Mas acho que não precisais de vos preocupar. Não tem ainda idade suficiente para pensar nisso.

— Não estou assim tão certa — disse Morgause, dando-lhe uma palmadinha na face.

A maneira de proceder de Gwydion era não fazer nada até ter a certeza de que não se ririam dele por ser demasiado novo. Senhor de si como era, não suportava que alguém lhe dissesse que era ainda jovem de mais fosse para o que fosse. Quando tinha apenas quatro anos, tivera uma fúria louca quando lhe disseram que ainda não podia ir à caça de ninhos nos rochedos e dera uma queda que por pouco lhe ia custando a vida, ao querer fazer o mesmo que os mais velhos. Ela recordava-se dessa ocasião e de outras semelhantes, em que lhe dizia que nunca mais voltasse a fazer isto ou aquilo e em que ele afivelava a sua pequenina máscara de rebelião, dizendo-lhe:

— Pois, mas eu hei de fazer assim, e vós não haveis de ser capaz de me impedir.

A única resposta dela tivera de ser:

— Não há de fazer, não senhor, senão eu própria te castigo.

Não adiantava muito bater-lhe. Apenas o tornava ainda mais desafiador, a menos que estivesse preparada para lhe bater até o deixar insensível. Uma vez, perdera a cabeça e ela própria se assustara com a força com que batera na pobre criança. Nenhum dos seus filhos, nem mesmo o voluntarioso Gareth, fora alguma vez tão rebelde. Gwydion seguia o seu próprio caminho e só fazia aquilo que queria. Assim, quando ele cresceu um pouco mais, ela optara por seguir métodos mais subtis:

— Não faças isso, ou eu digo à tua ama que te puxe as calças para baixo e te bata com uma chibata de couro diante de todo o pessoal da casa, como se fosses um bebé de quatro ou cinco anos!

Aquilo surtira efeito durante algum tempo, pois o jovem Gwydion era muito consciente da sua dignidade. Mas agora só fazia o que queria e nada o conseguia deter. Teria sido necessário um homem vigoroso para lhe bater com tanta força quanta fosse necessária e ele arranjava maneira de fazer com que aqueles que o ofendiam se arrependessem disso, mais cedo ou mais tarde.

Ela estava convencida de que ele se tornaria mais vulnerável quando começasse a preocupar-se com o que as raparigas pensassem acerca dele. O rapaz era de pele branca e cabelo escuro, como Morgaine, mas bastante bonito, tão bonito como Lancelet. E podia ser que a sua aparente indiferença em relação às donzelas viesse a ser a mesma de Lancelet. Pensou nisso durante um momento, sentindo a dor da humilhação. Lancelet... O homem mais belo que ela vira em muitos e longos anos; e dera-lhe claramente a entender que até mesmo a rainha não estava fora do seu alcance... Mas Lancelet fingira que nada tinha percebido e tivera o maior cuidado em chamar-lhe sempre «tia». Podia pensar-se, pelas suas atitudes, que ela era muito mais velha, a gêmea de Viviane, e não suficientemente nova para ser a filha de Viviane!

Começara a tomar o pequeno-almoço na cama, enquanto falava com as serviçais, dizendo-lhes o que devia ser feito nesse dia. Enquanto se deixava ficar, reclinada em diversas almofadas, ia saboreando o pão fresco que lhe haviam trazido, com manteiga vinda nessa altura da vacaria; Gwydion entrou no quarto.

— Bom dia, mãe¹ — disse ele. — Andei aí por fora e trouxe-vos amoras. E há natas na despensa. Se quiserdes, vou lá abaixo e trago-as.

Ela olhou para as amoras, húmidas de orvalho, numa tigela de madeira.

— Foi muito amável da tua parte, filho² — disse ela. E sentou-se mais

¹No original, *foster-mother*, ou seja, mãe adotiva. (N. da T.)

²No original, *foster-son*, ou seja, filho adotivo. (N. da T.)

para cima na cama para o abraçar ternamente. Quando era apenas um pouco mais novo, subia logo para cima da cama, metia-se debaixo das cobertas e ela dava-lhe pão fresco com mel. No inverno, metia-se debaixo das peles como qualquer garoto mimado. Tinha saudades de lhe sentir o corpito quente aninhado de encontro ao seu, mas pensava que, na realidade, agora já era demasiado crescido para isso.

Ele endireitou-se, arranjando o cabelo com as mãos — detestava parecer desleixado. Tal como Morgaine, que sempre fora uma coisinha fofa e bem arranjadinha.

— Saíste cedo, meu amor — disse ela —, e fizeste tudo isso só pela tua velha mãe? Não, não quero natas. Não queres que eu fique gorda como a porca velha, pois não?

Ele inclinou a cabeça para o lado, como um pássaro atento, e olhou especulativamente para Morgause.

— Não tinha importância — disse —, continuáveis a ser bela, mesmo que fôsseis gorda. Aqui no castelo, Mara, por exemplo, não é mais volumosa do que vós, mas todas as outras mulheres, e os homens, lhe chamam a Mara Gorda. Seja como for, não pareceis tão grande como sois porque, quando alguém olha para vós, a única coisa que se vê é que sois bela. Portanto, se vos apetece, comi as natas.

Que resposta objetiva, na boca de uma criança! Mas, ao fim e ao cabo, ele estava a começar a tornar-se um homem. Embora devesse vir a ser como Agravaine, que nunca fora muito alto, seria como um dos do povo antigo e constituiria um exemplo de reversão a um tipo ancestral. E, é claro, ao pé do enorme Gareth, havia de parecer sempre uma criança, mesmo quando tivesse vinte anos! Ele lavara a cara e escovara o cabelo com todo o cuidado (e também o aparara havia pouco).

— Como estás bonito, meu amor! — disse ela, enquanto ele tirava, rapidamente e com a precisão dos seus pequenos dedos, uma amora da tigela. — Foste tu que cortaste o teu cabelo?

— Não — disse ele —, pedi ao criado que o fizesse. Disse-lhe que estava farto de parecer o cão da casa. Lot estava sempre bem barbeado e com o cabelo bem aparado, e Lancelet também, durante todo o tempo que cá esteve. Gosto de parecer um cavaleiro.

— E é o que pareces sempre, meu querido — disse ela, olhando para a mãozinha morena que segurava a amora. Estava arranhada pelos espinheiros e com os nós dos dedos escuros e sujos, como a mão de qualquer rapazinho irrequieto, mas reparou também que ele as tinha esfregado longa

e vigorosamente e que as unhas não estavam sujas nem partidas, mas sim cortadas curtas, com todo o cuidado. — Mas porque é que vestiste hoje a tua túnica dos feriados?

— Vesti a minha túnica dos feriados? — perguntou ele com um arzinho inocente na face morena. — Sim, creio que vesti. Bem... — Fez uma pausa e ela teve a certeza de que, fosse qual fosse a razão que ele tivera para isso, e certamente devia ser boa, nunca a saberia. Por fim, ele disse calmamente:

— Molhei a outra com o orvalho, ao apanhar amoras para vós. — Depois, subitamente, disse: — Pensei que ficaria a odiar Sir Lancelet, mãe.

Gareth falava constantemente dele como se fosse um Deus e Morgause lembrou-se de que, embora não tivesse chorado à sua frente, Gwydion tivera um enorme desgosto quando Gareth fora para o Sul, para a corte do rei Arthur. Morgause também tivera saudades dele, pois Gareth era a única pessoa viva que realmente exercia influência em Gwydion e que era capaz de o fazer comportar-se como devia, apenas com uma simples palavra dita com suavidade. Desde que Gareth partira, não havia viva alma cujos conselhos Gwydion acatasse.

— Pensei que ele devia ser um tolo, cheio de si e convencido da sua importância — disse Gwydion —, mas afinal não é nada disso. Disse-me mais coisas acerca de faróis do que até Lot sabia, creio eu. E disse que quando for mais velho, devo ir até à corte do rei Arthur para ser armado cavaleiro, se até lá provar ser bom e honrado. — Os seus olhos escuros e profundos pareceram considerar a questão. — Todas as mulheres disseram que eu era parecido com ele, e faziam perguntas, e eu ficava zangado por não saber o que lhes responder. Mãe... — Inclinou-se para a frente, com o cabelo escuro e macio a cair-lhe solto sobre a testa, o que emprestava ao pequeno rosto uma vulnerabilidade pouco usual. — Dizei-me a verdade: Lancelet é meu pai? Pensei que podia ser por isso que Gareth gostava tanto dele...

E tu não és o primeiro a fazer essa pergunta, meu amor, pensou ela, afagando o cabelo macio do rapazinho. O facto de ele parecer mais criança do que o habitual, ao fazer a pergunta, fez com que a voz dela fosse também mais meiga do que o costume.

— Não, meu pequenino. Entre todos os homens do reino, Lancelet não podia ser o teu pai. Eu própria me encarreguei de o indagar. Durante todo o ano em que foste gerado, Lancelet estava na Bretanha Menor, a combater ao lado do pai, o rei Ban. Eu também pensei o mesmo; mas és parecido com ele porque Lancelet é sobrinho da tua mãe, tal como é meu sobrinho.

Gwydion olhou para ela com ceticismo e Morgause quase podia ler-lhe

os pensamentos: ela dissera-lhe exatamente o que lhe teria dito se soubesse que Lancelet era seu pai. Finalmente, disse:

— Talvez um dia eu vá até Avalon, em vez de ir à corte de Arthur. A minha mãe vive agora em Avalon, não é verdade?

— Não sei — disse Morgause, franzindo as sobrancelhas... Mais uma vez, aquele filho adotivo estranhamente adulto a levava a falar com ele como se fosse um homem feito. Fazia-o imensas vezes. Veio-lhe à ideia que, agora que Lot partira, Gwydion era a única pessoa com quem, de vez em quando, falava como de um adulto para outro adulto! Oh, sim, Lochlann era bastante homem à noite, na cama, mas nunca tinha muito mais para dizer do que teria um dos pastores, ou até uma das criadas!

— Sai agora, Gwydion, meu amor; vou vestir-me...

— Porque é que hei de sair? — perguntou ele. — Sei muito bem como sois; sei-o desde os meus cinco anos.

— Mas agora já és mais velho — disse ela, com a velha sensação de impotência. — Não é próprio que fiques aqui enquanto me visto.

— Importa-vos assim tanto o que é próprio, mãe? — perguntou ele ingenuamente, deixando os olhos pousarem na depressão deixada na almofada pela cabeça de Lochlann e Morgause.

Ela experimentou então uma súbita sensação de frustração e de cólera. Gwydion era capaz de a atrapalhar com argumentações como aquela, como se fosse um homem crescido ou um druida! Respondeu secamente:

— Não tenho de te dar satisfações sobre os meus atos, Gwydion!

— Mas eu disse que tínheis? — Tinha nos olhos um ar de inocência ofendida. — Se já sou mais velho, preciso de saber mais acerca das mulheres do que quando era um bebé, não é verdade? Quero ficar e conversar.

— Oh, então fica, fica se queres — disse ela —, mas vira-te de costas. Não quero que fiques aí especado a olhar para mim, Sir Sem-Vergonha!

Obedientemente, ele voltou-se de costas, mas, quando ela se levantou e fez sinal à criada para lhe trazer o vestido, ele disse:

— Não. Ponde antes o vestido azul, mãe, aquele novo, que saiu há pouco dos teares, e a capa açafraão.

— E agora és tu que me dás conselhos sobre aquilo que devo vestir? O que é isto? Mas o que é isto?

— Gosto de vos ver vestida como uma senhora fina, como uma rainha — disse ele num tom persuasivo. — E dizei-lhes que vos penteiem o cabelo para cima, preso com a vossa mola de ouro. Fazeis isso, mãe? Para me serdes agradável?

— Mas queres que eu me arranje, toda bonita, como se fosse para a festa do solstício de verão, para ficar sentada a cardar lã, com o meu melhor vestido? As minhas aias iam rir-se de mim, criança!

— Pois deixai-as rir — disse ele, aliciante. — Não sois capaz de vos pôr toda bonita para me agradar? E quem sabe o que pode acontecer antes do fim do dia? Ainda podeis ficar contente com isso.

Morgause, a rir, desistiu.

— Oh! Pois seja como tu queres. Se queres que me vista como se fosse para uma festa, pois que assim se faça... Vamos ter a nossa própria festa aqui, então! E agora, suponho eu, tem de se fazer bolos de mel para essa festa imaginária...

No fim de contas, é uma criança, pensou ela, arranjou este artifício para conseguir doces. Mas, vendo bem, trouxe-me amoras. Sendo assim, porque não?

— Então, Gwydion, achas que lhes diga para fazerem um bolo de mel para o jantar?

Ele voltou-se. O vestido dela ainda estava desapertado e ela viu que os olhos do garoto se demoravam um momento nos seus seios brancos. *Então, já não é assim tão criança como isso.* Mas ele respondeu:

— Fico sempre feliz por ter bolo de mel, mas talvez devesse mandar cozinhar também um peixe para o jantar.

— Se vamos ter peixe — disse ela —, então vais ter de mudar de roupa outra vez e ires pescá-lo tu mesmo. Os homens estão ocupados com as sementeiras.

Ele respondeu rapidamente:

— Vou pedir a Lochlann que vá; para ele vai ser como uma folga. E ele merece, não merece, mãe? Está contente com ele, não está?

Idiota, pensou Morgause. Não vou corar diante de um miúdo desta idade!

— Se te apetece mandar Lochlann à pesca, amor, então manda. Ele pode ser dispensado por hoje, creio eu.

E pensou que bem gostaria de saber o que iria, de facto, na cabeça de Gwydion, com a sua túnica dos feriados e a sua insistência em fazê-la vestir o seu melhor traje e arranjar um bom jantar. Chamou a governanta e disse:

— O Sr. Gwydion quer um bolo de mel. Trata disso.

— Ele terá o seu bolo — disse a governanta, com um olhar indulgente para o rapazinho. — Olhem só para aquela carinha bonita! É como um daqueles anjos do Céu!

Anjo! Era a última coisa que eu lhe chamaria, pensou Morgause; mas deu instruções à aia para que lhe penteasse o cabelo para cima, com a mola de ouro. Provavelmente, nunca viria a saber o que Gwydion tinha em mente.

O dia foi correndo lentamente, como era habitual. Morgause tinha perguntado a si própria, por vezes, se Gwydion teria a Visão, mas ele nunca demonstrara qualquer sinal de a ter e, quando ela uma vez lhe perguntara diretamente, agira como se não soubesse de que é que ela estava a falar. E se a tivesse, pensou ela, tê-lo-ia apanhado pelo menos uma vez a gabar-se disso.

Ah, pois bem! Por qualquer obscura razão infantil, Gwydion quisera ter uma festa e conseguira convencê-la a fazê-la. Não havia dúvida de que, com Gareth ausente, ele estava sempre sozinho, pois pouco tinha em comum com os outros filhos de Lot. Tão-pouco tinha, como Gareth, a paixão pelas armas e pelos outros aspetos da cavalaria e, pelo menos tanto quanto ela soubesse, também não tinha o dom de Morgaine para a música, embora tivesse uma voz límpida e por vezes andasse com um pequeno conjunto de tubinhos, como aqueles com que os pastores tocavam, e tirasse dele estranhas e tristes melodias. Mas não era uma paixão como fora a de Morgaine, que ficaria feliz tocando a sua harpa todo o dia, se a deixassem.

Contudo, tinha um espírito rápido que retinha tudo. Lot mandara buscar um conceituado padre de Iona, para viver lá em casa durante três anos e ensinar o pequeno a ler; dissera ao padre para ensinar também Gareth, enquanto ele lá estivesse, mas Gareth não tinha queda para os livros. Lutava obedientemente com as letras e com o latim, mas nem ele nem Gawaine (nem Morgause tão-pouco, diga-se a verdade) conseguiam fixar a atenção nos símbolos escritos ou na misteriosa língua dos velhos Romanos. Agravaine era bastante rápido, mantinha todo o movimento e contas da propriedade, tinha um dom inato para os números; mas Gwydion parecia absorver instantaneamente a mais pequena parcela de ensinamento assim que lhe era ministrado. No espaço de um ano, ficou a ler tão bem como o próprio padre e falava latim como se fosse um dos antigos Césares que tivesse voltado a nascer, de tal forma que, pela primeira vez, Morgause perguntara a si própria se não haveria, afinal de contas, qualquer coisa de verdade naquilo que os druidas diziam: que as pessoas voltavam a nascer várias vezes, aprendendo cada vez mais em cada nova vida.

É um filho que faria o orgulho do seu pai, pensou Morgause. *E Arthur não tem qualquer filho da sua rainha. Um dia, sim, um dia, terei um segredo para contar a Arthur, e então ficarei com a consciência do rei na minha mão.*

Este pensamento divertiu-a bastante. Admirava-se de que Morgaine nunca se tivesse aproveitado dessa vantagem que tinha sobre Arthur: poderia tê-lo forçado a negociar um casamento para si própria com um dos mais ricos reis, seus súbditos, podia ter tido joias, e... Mas Morgaine pouco ligava a essas coisas, só se importava com a sua harpa e com as tolices que os druidas diziam. Ao menos ela, Morgause, havia de fazer melhor uso desse inesperado poder que lhe fora parar às mãos.

Deixou-se ficar sentada no salão, com os seus delicados trajés, cardando a lã da tosquia da primavera e tomando, mentalmente, decisões. Gwydion estava a precisar de uma capa nova; crescera tão depressa que a velha quase lhe dava pelos joelhos e já não servia para o agasalhar contra o frio do inverno. Não havia dúvida de que este ano ainda cresceria mais depressa. Talvez fosse melhor dar-lhe a ele a capa de Agravaine... Gwydion entrou com a sua túnica açafão dos dias de festa e fungou apreciativamente, pois o odor do bolo de mel, enriquecido com especiarias várias, começava já a espalhar-se pela sala. Mas não se deixou ficar ali a importunar as pessoas, dizendo que o bolo devia ser cortado e lhe deviam dar uma fatia mais cedo, como meses atrás ainda teria feito. Por volta do meio-dia, disse:

— Mãe, gostava que me dessem um pedaço de pão com queijo, pois quero sair e visitar as nossas fronteiras. Agravaine disse que eu devia ir ver se todas as vedações estão em bom estado.

— Não vás com os teus melhores sapatos, os dos dias de festa — disse Morgause.

— Claro que não. Vou descalço — disse Gwydion, desapertando as sandálias e deixando-as perto dela, ao lado da lareira; arregaçou a túnica, prendendo-a com o cinto, de forma a ficar bem acima dos joelhos, pegou num pau bastante resistente e saiu rapidamente, deixando Morgause de sobrolho levantado, a olhar para o sítio por onde ele desaparecera. Não era tarefa que Gwydion tomasse a seu cargo, fosse qual fosse a vontade de Agravaine! Que se passava naquele dia com o pequeno?

Lochlann regressou depois do meio-dia, trazendo um belo e grande peixe, tão pesado que Morgause nem podia levantá-lo; olhou-o satisfeita; daria para alimentar todos os que comiam à mesa alta e ainda ia sobrar peixe assado, frio, para três dias. Limpo, amanhado e perfumado com ervas, estava pronto para o forno quando Gwydion entrou, com os pés e as mãos impecavelmente lavados e o cabelo penteado, e voltou a calçar as sandálias. Olhou para o peixe e sorriu.

— Sim, realmente vai ser como uma festa — disse, com satisfação.

— Verificaste todas as vedações, irmão³? — perguntou Agravaine, que entrava, vindo de uma das cavaliças onde tinha estado a tratar de um cavalo doente.

— Sim, e estão quase todas em bom estado — disse Gwydion —, mas mesmo no topo das escarpas, a norte, onde tivemos as ovelhas no outono passado, há um grande buraco na vedação, onde as pedras ruíram. Tens de mandar lá alguns homens para arranjamem aquilo, antes de mandares as ovelhas pastar ali. Quanto às cabras, fugiriam todas pelo buraco antes que as pudesses sequer chamar!

— Foste até lá acima sozinho? — perguntou Morgause de sobrolho levantado, assustada. — Não és uma cabra. Podias ter caído e partido uma perna na ravina e ninguém ia saber onde tu estavas durante dias! Já te disse várias vezes que se fores até lá acima, à falésia, deves levar um dos pastores contigo!

— Tinha cá as minhas razões para querer ir sozinho — replicou Gwydion, com o seu trejeito de teimosia habitual — e vi aquilo que queria ver.

— E que foi que tu viste que valesse a pena o risco de te magoares e ficares ali estendido durante dias? — perguntou Agravaine, zangado.

— Ainda nunca caí — disse Gwydion — e, se cair, quem sofre com isso sou eu. Que te interessa a ti se eu me arrisco?

— Sou o teu irmão mais velho e quem manda nesta casa — disse Agravaine —, e tu fazes o favor de me ter algum respeito, ou então terei de to meter na cabeça à força!

— Talvez se pudesses abrir à força a tua própria cabeça, pudesses meter algum juízo dentro dela — disse Gwydion, com um ar descarado —, de certeza que só por si não te cresce lá dentro...

— Seu miseravelzinho...

— Vá, diz — gritou-lhe Gwydion —, insulta-me com o meu nascimento, tu também! Não conheço o nome do meu pai, mas sei quem é o teu, e entre as duas situações, prefiro a minha à tua!

Agravaine avançou um passo, ameaçador, na direção do pequeno, mas Morgause levantou-se rapidamente e pôs Gwydion atrás de si, dizendo:

— Agravaine, não arrelies o pequeno!

— Se o escondes sempre atrás das vossas saias, mãe, não admira que eu não consiga ensiná-lo a obedecer, não achais? — perguntou Agravaine.

— Seria preciso um homem melhor do que tu para me ensinar isso

³ No original, *foster-brother*, ou seja, irmão adotivo. (N. da T.)

— disse Gwydion, e Morgause sobressaltou-se com a nota de amargura que sentiu na voz dele.

— Xiu, xiu, criança! Não se fala assim com o teu irmão! — ralhou. E Gwydion disse:

— Desculpa, Agravaine. Não devia ter sido malcriado contigo.

Olhou para cima e sorriu; com os seus olhos grandes e adoráveis sob as pestanas escuras, era o retrato de uma criança arrependida. Agravaine resmungou:

— Estou só a pensar no teu bem, patifezinho. Pensas que te quero ver partir todos os ossos que tens no corpo? E porque é que se te meteu na cabeça que havias de subir aos penhascos sozinho?

— Bem — respondeu Gwydion —, de outro modo não terias sabido da existência do buraco na vedação e eras capaz de mandar para lá pastar ovelhas, ou até mesmo cabras, e perdia-las todas. E eu nunca rasgo o fato, pois não, mãe?

Morgause soltou uma gargalhada porque, de facto, era verdade: Gwydion não estragava os fatos. Havia rapazes que eram assim. A Gareth bastava-lhe acabar de vestir uma túnica e ela ficava logo toda amachuçada, suja, e com nódoas ainda não passada uma hora, enquanto Gwydion subira aos penhascos com a sua túnica açafião dos dias de festa e parecia que tinha acabado de a receber das mãos da lavadeira. Gwydion olhou para Agravaine, que tinha vestido o seu guarda-pó comprido de trabalho, e disse:

— Não está certo que estejas sentado à mesa com a mãe com essa roupa, quando ela está com um vestido tão bonito! Vá, vai vestir a tua túnica boa, irmão. Queres sentar-te a jantar com a tua roupa toda suja, como um camponês?

— Não estou para receber ordens de um malandreco como tu — resmungou Agravaine. Mas, mesmo assim, levantou-se e dirigiu-se para o quarto. Gwydion sorriu, com dissimulada satisfação. E disse:

— Agravaine devia ter uma esposa, mãe. Anda maldisposto como um toiro na primavera e, além disso, a mãe já não tinha de fiar os fatos dele e de os arranjar.

— Não há dúvida de que tens razão — disse Morgause, divertida. — Mas eu não quero outra rainha debaixo deste teto. Não há nenhuma casa suficientemente grande para poder ser governada por duas mulheres.

— Nesse caso, teréis de lhe arranjar uma mulher que não seja demasiado bem-nascida e que seja bastante estúpida — disse Gwydion —, de

forma a que se sinta feliz por lhe dizeres o que deve fazer, pois teria medo de cometer algum deslize no meio de gente da nobreza. A filha de Niall era capaz de servir. É muito bonita e a família de Niall é rica, embora não muito, porque lhes morreram imensas ovelhas e muito gado no inverno mau que houve há seis anos. Ela há de ter um belo dote, pois Niall tem medo de que a filha possa ficar sem casar. A rapariga teve sarampo quando tinha seis anos, não vê muito bem e também não é lá muito esperta. Mas é capaz de fiar e tecer bastante bem, embora não tenha vista suficiente nem esperteza para muito mais. Assim, não se há de importar se Agravaine a mantiver constantemente a ter filhos.

— Bem, bem, bem, mas que rico homem de Estado já és! — disse Morgause, mordazmente. — Agravaine devia nomear-te um dos seus conselheiros, já que és tão sábio. — Mas para si própria pensou: *Ai, ele tem razão, amanhã hei de falar nisso a Agravaine.*

— Ele podia escolher pior — disse Gwydion, muito sério —, mas não estarei aqui para isso, mãe. Queria dizer-vos: quando fui lá acima até aos penhascos, vi... não, mas aqui está Donil, o caçador, ele próprio pode dizer-to. — E, na verdade, o enorme caçador entrava nesse momento no salão e curvava-se numa profunda vénia perante Morgause.

— Minha senhora — disse ele —, vêm cavaleiros pela estrada e aproximam-se da casa grande. Há uma cadeirinha com cortinas como as da barca de Avalon, e com eles vem um corcunda com uma harpa e criados com os trajes de Avalon. Estarão aqui dentro de meia hora.

Avalon! Foi então que Morgause viu o sorriso secreto de Gwydion e percebeu que ele já estava preparado para aquilo. Mas ele nunca tinha dito que tivera a Visão! Que criança não se gabaria disso, se a tivesse? Subitamente, o pensamento de que ele podia esconder o facto, apreciando-o ainda mais por ser um conhecimento secreto, pareceu-lhe inquietante, de tal forma que teve um movimento de recuo, quase receosa do seu filho adotivo. E soube que ele dera por isso e não se sentira insatisfeito.

Tudo o que ele disse foi:

— Então, não é mesmo uma sorte que tenhamos um bolo de mel e um peixe assado, e que estejamos todos com o melhor traje, para que possamos honrar Avalon, mãe?

— Sim — disse Morgause, olhando para Gwydion com os olhos muito abertos —, é uma grande sorte, na verdade.

* * *